

RESENHA

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira do. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021. 192 p. ISBN 978-65-87113-36-4.

Resenhado por Lorena Araújo de Oliveira Borges¹
Universidade Federal de Alagoas

Recebido em: fevereiro de 2022

Aceito em: junho de 2022

DOI: 10.26512/les.v23i1.41825

Transfeminismo, escrito por Letícia Nascimento, é mais um dos títulos publicados no seio da coleção *Feminismos Plurais*, coordenada pela filósofa Djamila Ribeiro. Isso significa que ele integra um conjunto de publicações que têm se preocupado em discutir, de forma didática e acessível, questões caras a grupos historicamente marginalizados, contemplando, sobretudo, as produções intelectuais de pensadoras/es negras/os, indígenas e LGBTQIA+. Ao longo dos seus cinco anos de existência, *Feminismos Plurais* já publicou onze títulos, dentre eles os amplamente citados *Lugar de Fala* (RIBEIRO, 2017), *Empoderamento* (BERTH, 2018), *Interseccionalidade* (AKOTIRENE, 2018) e *Racismo Estrutural* (ALMEIDA, 2019). Essa é a primeira vez, entretanto, que a temática trans*² ganha espaço na coleção.

Letícia Nascimento, mulher travesti, negra e gorda, é professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Formada em Pedagogia, com mestrado em Educação e doutorado em andamento na mesma área, ela investiga e produz cartografias decoloniais com travestis negras, buscando

¹ Professora Adjunta da Graduação e Pós-Graduação na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL). Doutora em Linguística (2018) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília (PPGL/UnB). Email: lorena.aoborges@gmail.com.

² *Trans* é um prefixo latino que significa “além de, para lá de”. É utilizado para fazer referência a pessoas que reivindicam um gênero diferente daquele ao qual foram atribuídas quando nasceram. Quando o termo trans vem acompanhado de um asterisco, indica a configuração de um termo guarda-chuva, que engloba diferentes identidades, como transexuais, transgêneros, travestis, entre outras.

estabelecer um diálogo entre as discussões decoloniais, trans/feministas e da filosofia da diferença. Esse amplo cabedal teórico subjaz a discussão desenvolvida em *Transfeminismo*, que discorre, em suas sete seções, sobre a insuficiência do determinismo entre gênero e sexo em compreender mulheridades e/ou feminilidades que resistem ao que está estabelecido pelo CISTema colonial moderno de gênero e sobre como o transfeminismo pode contribuir para a construção de epistemologias e políticas que superem esse bioessencialismo.

Logo na *Introdução*, Leticia pondera sobre *o que faz uma mulher ser mulher*, buscando desestabilizar a concepção homogênea e universal de mulher que é reiterada em nossa sociedade. Essa é uma questão importante para a compreensão das vivências trans* e que, na percepção de autora, precisa ser elucidada já de início, uma vez que as experiências de mulheres transexuais e travestis são frequentemente deslegitimadas por não se enquadrarem nos recortes binários do CISTema. Desse modo, essa obra coloca em xeque vários discursos que circulam socialmente – até mesmo dentro de algumas vertentes feministas – e que buscam determinar quem pode ou não ser uma mulher e reivindica espaço para o transfeminismo dentro dos feminismos, justificando que esse ativismo fornece um olhar diferenciado para as opressões que subjagam as experiências de mulheridades e/ou feminilidades.

A seção seguinte, *Do conceito de gênero à pluralização das sujeitas do feminismo*, apresenta como o conceito de gênero foi desenvolvido no seio do feminismo e as disputas que foram/são estabelecidas em torno dessa categoria. Por surgir atrelada às concepções bioessentialistas do Feminismo Radical, que se fundamentava numa pretensa ideia de *mulher original*, a noção de gênero acabou sendo aprisionada às vivências das mulheres cis, heterossexuais, brancas, dentre outros marcadores sociodiscursivos hegemonzados. Apenas posteriormente esse conceito passa a ser compreendido a partir de dimensões culturais e históricas, o que levou à desconstrução de uma ideia universal de *mulher* no seio do pensamento feminista. Entretanto, mesmo nesse novo recorte, o *gênero* ainda era submetido a uma anterioridade biológica, o sexo, o que garantia um fundacionalismo biológico a este conceito. A ruptura com essas percepções e a desessentialização da noção de gênero só ocorre a partir das discussões teórico-filosóficas desenvolvidas por pensadoras³ como Foucault (1988), Butler (2017), Preciado (2017), Lauretis (2019), dentre outras, que levaram o gênero a ser encarado como uma performance, um processo de produção de corpos e sexos.

³ O uso do feminino, aqui, é proposital. A presente pesquisadora assume o compromisso político de pensar e repensar a língua na qual produz os seus trabalhos, neste caso, o português. Por conta disso, privilegamos o uso da forma feminina. Trata-se de uma escolha política que visa, em grande medida, fazer uma provocação a nossas interlocutoras, quaisquer que sejam os gêneros/sexos delas.

A terceira seção, *Mulheres transexuais e travestis: the outsiders non Sisters*, discute como as outreridades vivenciadas por mulheres transexuais e travestis são desumanizadas em uma sociedade que valoriza apenas os corpos e as experiências que se adequam à normatividade (cis-heterossexual). Diante dessa percepção, as pessoas trans* são consideradas uma imagem muito distante daquilo que é entendido como homem ou mulher pelos discursos hegemonzados, o que as posiciona como completas *outsiders* de um CISTema de sexo-gênero-desejo que tenta, a todo custo, deslegitimar a existência delas. É a partir desse espaço de exclusão e de desumanização que as ativistas transfeministas constroem a crítica ao determinismo entre sexo e gênero, que interdita a compreensão das mulheridades e/ou feminilidades que estão para além daquilo que é disponibilizado como inteligível em nossa sociedade, e conclamam um espaço dentro do feminismo que reconheça as vivências, as epistemologias e as reivindicações políticas delas.

Em *Transfeminismo: tensionando feminismos e além*, quarta seção do livro, Letícia discorre sobre o que é o transfeminismo, apontando-o como uma das correntes teóricas e políticas do feminismo. Focado em questões específicas das vivências de mulheres transexuais e travestis, o transfeminismo, enquanto campo epistemológico, busca redefinir a equiparação entre gênero e sexo biológico, reiterar o caráter interseccional das opressões, reconhecer as lutas históricas de travestis e mulheres transgêneras, dentre outras questões. No âmbito da atuação política, esse ativismo possui uma agenda focada no poder de agência/autodefinição, na cisgeneridade como estratégia de nomeação dos corpos não trans*, na despatologização das identidades trans* e travestis, no empoderamento das corporalidades trans* e travestis, no enfrentamento da transfobia e do transfeminicídio e no direito à saúde.

A quinta seção, *Cisgeneridade, despatologização e autodeterminação: nós por nós mesmas!*, traz uma breve apresentação do conceito de cisgeneridade, categoria analítica do transfeminismo que permite o questionamento dos privilégios característicos dos corpos que se enquadram nos recortes deterministas de sexo e gênero estabelecidos pelo CISTema. Por meio desse conceito, o transfeminismo pretende elucidar o fato de que as verdades sobre os gêneros – assim como sobre os sexos – são produzidas em práticas discursivas, envoltas em relações de poder específicas, e, portanto, podem ser desestabilizadas. Para tanto, esse ativismo agencia diferentes táticas discursivas, dentre elas a autodeterminação, ou autoidentificação, que tem o intuito de garantir o reconhecimento social das performances e das vivências das pessoas trans*. A autodeterminação é assumida pelo ativismo transfeminista como uma forma de se contrapor à patologização das pessoas trans*, uma vez que busca garantir a elas o direito de assumirem os processos de produção discursiva sobre suas subjetividades, invalidando a lógica do CISTema colonial moderno de gênero.

Em *Corporalidades transgêneras: autodeterminação como insurgência ao sistema*, penúltima seção, Letícia aponta que não são apenas os corpos trans* que são produzidos em meio aos diálogos com as normas regulatórias de gênero, mas também os corpos cis. Nessa lógica, não existe *sexo anatômico* ou *gênero natural* e imutável; todos os corpos, assim como os gêneros e os sexos, são produzidos em meio às relações de poder. Nesse embate, as técnicas farmacopornográficas possuem um papel relevante, pois legitimam um determinado tipo de sujeito e invalidam as demais existências. O estudo dessas técnicas e de seus efeitos nas diferentes práticas sociais permite elucidar os processos pelos quais os corpos são artificialmente configurados em nossa sociedade.

Na sétima e última seção, *Vidas trans* importam: transfeminicídio também é uma pauta feminista*, a autora finaliza sua argumentação apresentando os dados relativos às violências contra as pessoas trans* e as travestis, estabelecendo os entrelaçamentos entre essas violências e aquelas sofridas pelas mulheres cis – sem desconsiderar, é claro, os atravessamentos interseccionais que caracterizam essas experiências de mulheridades e/ou feminilidades. Nesse sentido, Letícia Nascimento explicita que opressões como (cis)sexismo, misoginia, patriarcado e machismo afetam a todas as identidades de gênero femininas, pois não é o aspecto biológico que é levado em consideração nesse processo, mas toda uma lógica que hierarquiza o feminino como inferior, submisso e matável.

Ao longo das seções de *Transfeminismo* é possível perceber como o gênero se estabelece como um sistema que organiza e constrange cada aspecto da realidade que vivemos. Exatamente por isso, toda pessoa, muitas vezes antes mesmo de nascer, é designada a um local bem específico do recorte binário do CISTema – ou ela é mulher ou é homem –, sendo enquadrada em uma série de preceitos que já estão pré-definidos socialmente e devem ser seguidos por todos (BUTLER, 2017). Quem não se enquadra nesse CISTema é historicamente submetida à exclusão, à abjeção, à violência e ao apagamento social. Exatamente por isso torna-se tão importante para os feminismos questionarem os discursos, as normas e os valores que tentam, com tanta força, fixar os gêneros, os sexos e os desejos e o transfeminismo têm colaborado sobremaneira com essa tarefa, trazendo contribuições que enriquecem muitos estudos que são desenvolvidos a partir de uma concepção performativa de gênero.

Durante toda a sua obra, Letícia Nascimento tece os motivos pelos quais o transfeminismo deve ser integrado aos movimentos/pensamentos feministas, seja enquanto ativismo social, seja enquanto fonte de produção epistemológica. Os conceitos arregimentados para compor essa trama, ainda que densos, são explicados de forma tão fluída, que noções aparentemente complexas, como gênero, performatividade ou cisgeneridade, emergem de maneira orgânica na escrita dessa pedagoga e podem ser facilmente compreendidos. Este é, sem sombra de dúvidas, um livro imprescindível para

qualquer pessoa situada nos estudos de gênero, esteja ela discutindo as vivências de pessoas trans* ou não, mas traz uma contribuição especial para quem está adentrando esse campo e precisa apreender um cabedal conceitual amplo e disruptivo.

Para finalizar, é importante destacar que a discussão desenvolvida pela autora sobre como a linguagem atua na produção dos gêneros-sexos-desejos-corpos é particularmente cara àquelas que pretendem percorrer os estudos críticos do discurso. Por meio dela, é possível compreender não apenas como os discursos hegemônicos são arregimentados para deslegitimar as alteridades que estão para além daquelas apreendidas como *normais* em nossa sociedade, mas, especialmente, como os discursos são mobilizados pelos grupos sociais como forma de resistência e de transformação social.

Transfeminismo é, com toda certeza, uma obra de entrada nas epistemologias trans* e assume esse papel com destreza, destacando e projetando as produções intelectuais de pensadoras trans* brasileiras e estrangeiras.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. *O que é interseccionalidade*. São Paulo: Letramento, 2018.
- ALMEIDA, S. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BERTH, J. *O que é empoderamento*. São Paulo: Letramento, 2018.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- FOUCAULT, M. *A história de sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H. B. *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- PRECIADO, P. *Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual*. Rio de Janeiro: N-1 Edições, 2017.
- RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala*. São Paulo: Letramento, 2018.